

A dor no mundo

E PREVISÕES SOBRE O FUTURO DO BRASIL

Samney cumprirá o programa deixado por Tancredo? Fará uma política econômica austera? Dos Estados Unidos à Europa, perguntas e homenagens ao líder.

A morte de Tancredo Neves e suas implicações no futuro do Brasil receberam generoso espaço nos principais jornais do mundo, de Washington a Jacarta. Editoriais, manchetes de primeira página e comentários às vezes até em tom literário — Meg Greenfield, do Washington Post, observou que o trágico acontecimento foi recebido no Brasil como “um ato cósmico de crueldade e injustiça” — destacavam principalmente o clima de emoção vivido por todos os brasileiros, sem deixar, porém, de fazer avaliações objetivas (e freqüentemente pessimistas) sobre o Brasil sem Tancredo.

Na maioria dos países latino-americanos e mesmo na Europa e no Oriente, as bandeiras oficiais amanhecera ontem a meio-pau, observando o luto oficial decretado pelos respectivos governos, como aconteceu na Itália, onde a passagem de Tancredo Neves, em janeiro, deixou grande impressão, segundo o chanceler Giulio Andreotti. Ontem, em Brasília, continuavam a chegar mensagens de condolências de todas as partes do mundo.

Até mesmo em Cuba, país que não mantém relações diplomáticas com o Brasil des-

de 1962, houve homenagens a Tancredo: por iniciativa de um membro do gabinete de Fidel Castro, Ramón Darias, foi observado um minuto de silêncio, ao final de uma reunião técnica patrocinada pela FAO (organização para agricultura e alimentação da ONU), da qual participaram representantes oficiais de 15 países.

Nosso correspondente em Londres, José Carlos Santana, comenta que o futuro do Brasil, sem Tancredo, foi assunto em editoriais nas edições de ontem de todos os grandes jornais britânicos, onde uma preocupação fundamental predomina: conseguirá Sarney reunir o apoio necessário para permanecer no poder e cumprir as promessas do líder falecido? O jornal mais antigo da Grã-Bretanha, o Times, destacando a grande emoção verificada durante os cortejos fúnebres, descreve Sarney como um dirigente sem o carisma de Tancredo, que deverá enfrentar, além de uma difícil situação política, uma possível crise econômica, devido à crescente inflação, ao débito público e à ausência de sinais concretos de uma recuperação da economia como um todo.

O editorial do Financial Times qualifica

a morte de Tancredo como “uma tragédia pessoal sem paralelo na história política moderna”, que representa uma perda de valor imensurável. As reações a este trágico evento se deram também na City londrina, centro financeiro mundial, onde, segundo fontes brasileiras ouvidas pela Ansa, os banqueiros já aumentaram as taxas de juros de empréstimos a empresas privadas do Brasil. Estes banqueiros inclusive, continua a agência de notícias, teriam enviado representantes ao País para sondar sua situação política e financeira.

O Washington Post, também em editorial, afirma que a morte de Tancredo “coloca o Brasil e sua democracia em grandes provas”, não sendo o momento, portanto, “para um amplo parêntesis ou enfraquecedoras lutas para saber quem manda ou quem está com a autoridade legítima”. A possibilidade de divergências no seio da Aliança Democrática e as pressões populares ao novo governo, observa o Washington Post, “não facilitarão a tarefa de José Sarney para governar”, o que vai requerer dele “imensa capacidade e firmeza”, e “um alto grau de confiança entre quem está por cima e quem está por baixo”.

Mas o Brasil e sua liderança política demonstraram, durante o passado, “que são capazes de grandes coisas”, acrescenta o jornal.

Este foi o tom dos principais comentários na imprensa norte-americana: Sarney terá que se movimentar rapidamente para resolver os problemas do País e para realizar “a inadiável tarefa” de governar sem ferir a união conseguida por Tancredo (opinião do Christian Science Monitor). O mesmo espaço significativo foi dedicado na imprensa francesa aos acontecimentos no Brasil. Le Matin, próximo aos socialistas, observa que “os partidários de Neves, para evitar o mínimo movimento capaz de por idéias na cabeça dos militares, procuraram respeitar ao máximo a Constituição, aceitando Sarney na Presidência”.

Este espírito de colaboração, ressalta o jornal, poderá ser útil na hora de negociações, indispensáveis para formalizar um novo acordo político sobre a convocação da Constituinte e eleições diretas em todos os níveis.

Os jornais da Suíça, também em amplos espaços, mostraram-se perplexos com o fato

de Sarney, até o ano passado presidente do partido do governo anterior, ter assumido a Presidência. O diário La Suisse, porém, acredita que o novo presidente, justamente por isso, “fará tudo para convencer os brasileiros que suas esperanças de mudança não foram em vão”. El País, diário independente de Madri, prevê que Sarney deverá “ser o fiel do programa que Tancredo Neves traçou”.

Il Giorno, de Milão, destacou os dias de “pranto e medo” que vivem Brasil e Argentina, esta ameaçada por novos rumores de golpe militar, enquanto La Repubblica, em primeira página, qualifica Sarney de “um homem de menor autoridade e prestígio democrático” do que Tancredo. Na Argentina, aliás, El Clarin destaca que a “grande herança de Tancredo é a convocação à unidade nacional”, prevendo que “de agora em diante se dará o jogo das tendências; entretanto, a figura de Tancredo Neves, revestida de características de um símbolo por todos aceito e por todos desejado, continuará iluminando o caminho da unidade nacional, com sua mensagem cordial, sensata e confiada no destino de grandeza de seu país”.